



EU MORRI NAQUELE DIA

Eu morri naquele dia. Morri por dentro e até pude sentir a minha alma deixando meu corpo. Andaria agora sem companhia, sem o aconchego. Eu morri naquele dia, naquele maldito dia, eu não vi mais a luz, não senti o sol quente ardendo em minha pele. Tudo ficou frio, escuro.

Eu morri naquele dia, mas por que continuo aqui? Por que o meu corpo, gasto pela fadiga, corroído pela dor, calejado pela solidão, insiste em levantar todos os dias? Porque eu sei que morri naquele dia, meu corpo, um tolo, aparentemente, não.

Talvez ele lembre que eu sorria todos os dias antes daquele fatídico dia. Sim, eu sorria, porque estava viva, estava feliz, meu corpo ainda tinha o abençoado aconchego abraçando minha alma. Eu sorria porque respirava, sorria porque sentia meus pulsos pulsando, às vezes acelerados, às vezes tão lentos que pensava ter morrido. Tola, eu, porque eu só morri naquele dia.

Morri no dia em que você morreu.

Eu senti cada batimento seu, senti que aos poucos eles ficavam mais fracos, eu senti sua vida escapando enquanto te segurava em meus braços trêmulos. O ar saía pela minha boca com força, talvez porque estava agarrada a uma esperança infantil de que poderia compartilhar a vida que meu corpo continha contigo. As lágrimas transbordavam, intensas. Meu coração parou junto ao seu, seu pequeno e grande coração. Eu morri naquele dia, porque tive que te deixar, meu melhor amigo, meu companheiro de toda a vida.

Eu morri naquele dia, sim, eu morri, pois nunca encontrei quem me amasse mais que você, cujas patinhas eram músicas pela casa, que me aquecia o coração com os olhos mais brilhantes e alegrava meu dia com o focinho molhado.

Luana Ramos Uller
2º ano / Itajaí
2023